



**#MulheresTerritóriosDeLuta**

## **#MulheresTerritóriosDeLuta: A luta feminista, socioambiental e ancestral contra o neoliberalismo no Chile**

Originalmente publicado no [Medium](#), em 1 de abril de 2021

Autoria de Instituto PACS



Francisca Fernandez, militante pelo direito à água no Chile. | Foto: Acervo pessoal

**Francisca Fernandez**, mais conhecida como Pancha entre as companheiras de luta e vida, é integrante do **Movimento por el Agua y los Territorio** e da **Coordinadora Feminista 8M**, no Chile. O trecho abaixo é parte de uma

entrevista<sup>1</sup> realizada por Marina Praça e Yasmin Bitencourt e editada por Karoline Kina.

### **PACS: O que é a luta para você? O que te move?**

Pancha: Me parece que hoje é um ato vital. É a própria vida. Sempre pensei a luta não como uma projeção, como um ponto de chegada, mas como uma forma de viver a vida. Uma forma de viver em um contexto, por exemplo, no Chile, onde o neoliberalismo está fortemente consolidado. Logo, a luta se torna uma forma de existência no que diz respeito às opressões, à violência estrutural que vivemos. Tem a ver com o cotidiano, tem a ver com atitude e por existir, não é uma projeção, mas sim, no cotidiano projetamos uma mudança profunda. Portanto, lutar é um ato vital.

Acredito que o que mobiliza a luta é primeiro reconhecer as opressões que cada uma de nós habita. Tem um nome acadêmico, “interseccionalidade”. Aqui usamos a palavra “tecido”, que Silvia Rivera Cusicanqui, uma socióloga Aymara, propõe. Em outras palavras, você tem que ver todos os fios de opressão que nos cruzam e, ao reconhecê-los, eles são os primeiros elementos a começar a se mover e se mobilizar. Então, sem dúvida, uma dessas grandes opressões é ser mulher. Obviamente, sendo mulher, a opressão tem muito mais força se você for indígena, camponesa, afro, se for imigrante. Mas o simples fato de se construir uma mulher, traz opressões, então isso me mobiliza. E primeiro meu corpo-território, e segundo o território no qual vivo. Me mobiliza muito a luta contra a contaminação, contra o extrativismo, porque tem a ver com o território externo onde

---

<sup>1</sup>A entrevista com Francisca Fernandez foi dividida e publicada em duas partes no site e Medium do Instituto Pacs. A primeira parte, “#MulheresTerritóriosdeLuta: resistência pelo direito à água no Chile”, pode ser acessada em: <https://pacsinstituto.medium.com/mulheresterrit%C3%B3riosdeluta-resist%C3%A2ncia-pelo-direito-%C3%A0-%C3%A1gua-no-chile-90229c890be4>

construímos comunidade. Ou seja, sinto que são as primeiras coisas que me movem: ser mulher, me reconhecer nessa cadeia de opressão, mas também reconhecer as cadeias de opressão onde vivo.

### **PACS: Como você se entendeu como mulher ao longo da vida?**

Pancha: Uma frase clichê: “ninguém nasce, mas é feito”. E observe que sou filha de uma mãe feminista, mas minha mãe se tornou uma feminista no exílio. Meus pais são exilados da ditadura de Pinochet, viveram seu exílio na França, e lá se abrem novos horizontes de vida muito diferentes, onde surgem questões que não eram clássicas de esquerda nesta época dos anos 70, como o feminismo, a luta socioambiental, o respeito aos povos originários e eu nasci nessa caminhada e nessa abertura dos meus pais. Mas não foi fácil porque, apesar de eu ser filha de mãe feminista, até na dinâmica familiar havia certos privilégios como coisas banais, por exemplo, meu irmão comia mais, davam mais comida para ele, que de certa forma precisava de mais elementos para sua energia. Eles nunca me falaram a barbaridade “porque é homem”, teria sido absolutamente contraditório. Mas acredito que havia um jogo bem patriarcal, naturalizado: sendo mais velho e um homem, gastava mais energia, e acho que não era bem assim. Então, nasci em um contexto de família com muita consciência sobre a situação de opressão e também as situações de privilégio, ou seja, reconhecendo ambas as partes. E sem dúvida que notei imediatamente que ser mulher era bem mais opressão do que privilégios. Antes o meu privilégio era ser mestiça, ser branca, nisso estavam os privilégios, mas em termos de ser mulher, de jeito nenhum.

Porém, onde comecei a vivenciar muito mais essa questão da opressão, talvez, foi ao chegar ao Chile, na volta do exílio de meus pais. Eu sinto que na

França (eu morei em um bairro de imigrantes), quanto mais diversificadas e diversificados somos, melhor podemos administrar essa diversidade como parte de nossas vidas. Éramos muitas crianças, imigrantes de todo o mundo, de todos os países, religiões, mas foi no Chile, no sistema educacional. E aí eu percebi como coisas tão básicas sobre ser mulher implicavam. Se houvesse cinco crianças que levantassem as mãos durante a aula e uma delas fosse um menino, privilegiavam o homem de falar primeiro. Aquilo também foi uma herança. Na universidade aconteceu a mesma coisa comigo, porque desde pequena eu gostava muito do tema acadêmico, das aulas. Percebi que ia ser professora ou que ia estar ligada a isso e foi o primeiro espaço de violência que ficou evidente em relação a ser mulher. E aí, me dei conta do que é ser mulher. Quer dizer, acho que parece terrível talvez, mas enquanto as opressões te ajudam a se reconhecer e assumir um processo de luta, um processo de empoderamento, também pode acontecer o contrário, “quanto mais oprimida, mais cega”. Quando uma mulher começa a vivenciar as opressões, percebe a necessidade de se fortalecer a partir dessa identidade oprimida para transformar tudo.

### **PACS: Você se reconhece nas mulheres do passado, ancestrais... da sua história?**

Pancha: Há muito tempo fiz um caminho a partir do que algumas companheiras chamam “feminismo comunitário”, aqui no Chile falamos “feminismo dos povos” ou “feminismos territoriais”. No final, buscamos nossos rastros, nossos percursos ou caminhos, transitados por mulheres e dissidentes não a partir dos marcos que é o movimento sufragista ou o movimento feminista clássico, mas precisamente a partir de nossas avós, nossas ancestrais. Reconhecemos aí, o legado do feminismo. E, atenção, obviamente, não necessariamente, de avós ou ancestrais que se

reconheceram como feministas, mas sim de avós ancestrais que lutaram contra essas opressões cotidianas. Assim, imediatamente me reconheço por meio de minhas duas avós, tanto a paterna quanto a materna. Minha avó materna do campo, migrou para a cidade, enfermeira, tornou-se socialista. Minha avó paterna, de um porto "San Antonio", também militante de esquerda, seu irmão um dos escritores exilados de sua cidade durante a ditadura. Mulheres que, a partir dessa ação vital, são grandes protagonistas do campo e da resistência. Ou seja, não tão elaboradamente como nós, tivemos mais elementos combinados para isso, já elas mais do estômago, mais do corpo para a resistência. Portanto, reconheço o legado das minhas avós e reconheço a importância de reconhecer essa construção da nossa identidade através deste cruzamento de elementos.

No Chile usamos uma palavra chamada "*champutred*", que em Mapudungun, que é a língua Mapuche, significa "mistura". E eu, justamente, reivindico muito a ideia de uma miscigenação não-crioula, não essa miscigenação branca hegemônica, mas essa miscigenação precisamente mais dissidente onde esses traços devem ser reconhecidos. Ou seja, reconheço o traço Mapuche, reconheço o traço espanhol, reconheço essas diferentes ancestralidades que nos atravessam e, como sempre, as mulheres são as endurecidas e aquelas que precisamente se encarregam da memória, oralidade e resistência nos diferentes momentos. Então, sim, eu sou a grande defensora da linhagem de minha mãe, minhas avós e trabalhando para conhecer a linhagem de meus ancestrais que tem sido uma questão pessoal, mas surge absolutamente de uma questão política.

**PACS: E como você vê seu corpo?**

Pancha: Meu corpo... primeiro vejo meu corpo-território, e como qualquer território, não é fácil de administrar. Ou seja, acho que o feminismo também, aí eu ampliaria, acho que a luta socioambiental também, e há anos que faço dança andina, me fez reconectar com o meu corpo. Meu corpo, de certa forma, construí mais como um elemento de limitação. Em outras palavras, você se lembra de quando éramos crianças, com os exercícios da escola, aprendemos a estabelecer limites. Sempre o corpo como limite e ao mesmo tempo como limitação. "Eu não posso", "sim, você pode", "você *versus* eu". Então eu acho que as diferentes lutas passam por transbordar nossos corpos, embora pareça estranho. Mas o transbordamento foi a primeira política de auto reconhecimento do corpo que me acompanha, das pernas que me acompanham no meu andar ... das mãos, das minhas expressões. Então, tem sido uma questão de auto reconhecimento e de me amar como sou. Mas eu acho que precisamente na vida neoliberal, consumista e hiperprodutiva há um excesso de exigências dos padrões de corpos que são tremendos. Acredito que, precisamente, a nossa graça é que conseguimos incorporar que a gestão do corpo é o primeiro espaço de autodeterminação. Eu determino em relação ao corpo, como quero construí-lo, como quero caminhar, como quero habitá-lo. Mas, cuidado, não é fácil, entre nós há piadas, somos sarcásticas com partes do nosso corpo. Somos superexigentes conosco mesmos neste corpo. Então, eu diria a vocês que, bom, o corpo é o lugar onde eu moro, que eu também decido morar, e a partir daí a luta começa.

### **PACS: O que você usa no corpo?**

Pancha: Uff! O que eu não uso?! Haha!

Recordações, memórias... Outro dia falamos com uma companheira em quarentena e ficamos mais filosóficas (risos). São muitas as memórias que pesam sobre o corpo e há também uma genealogia da dor. Falávamos como memórias de dores não apenas do corpo que alguém habita, mas também que os corpos vão carregando as memórias de seus ancestrais, pai, mãe, avó... e que de certa forma, nesta vida nos cabe curar e assumir. Portanto, o que carregamos no corpo são memórias, são identidades, são prazeres, projeções, mas também são dores, são também nós de tensão. Também habitamos contradições. Sinto que tudo o que somos, por sua vez, habitamos no corpo. Então nós, a partir desse feminismo dos povos, fazemos muito do que chamamos de mapas corporais ou cartografias corporais, onde visualizamos dores corporais com conflitos socioambientais ou com algum conflito social. Eu, por exemplo, sempre tive muitos problemas respiratórios e tenho absoluta certeza de que esse problema respiratório tem a ver com um nó de angústia, por desconforto pessoal, desconforto social, pelo modo como vivemos. Para mim foi específico que o vírus da pandemia esteja ligado ao aparelho respiratório, porque tem a ver justamente com toda a angústia, dor, o que a gente guarda. Portanto, é muito simbólico que seja um vírus representado em toda aquela dimensionalidade da respiração. Então, tem sido um trabalho assumir a respiração como um exercício fundamental, tem que ser pessoal, mas também político, claro.

**PACS: De onde vem sua força? Tem alguma parte do seu corpo que sente sua força chegando?**

Pancha: Acho que minha força tem várias âncoras. Acredito que a primeira âncora é o auto reconhecimento de quem eu sou, por todas essas cruces de coisas ruins, boas, positivas, negativas, nós de dor, alegria, é também uma força vital, minha fortaleza, porque tem todos os elementos com que eu

trabalho, a fala, o que me dificulta respirar, observar o que estou vendo, ouvindo, ou seja, todos os elementos centrais estão aí. Também podem ser as mãos, sou muito expressiva com as mãos e é também com elas que eu faço as minhas tarefas. É como se eu pensasse imediatamente nisso, mas na verdade existem muitas partes do corpo. Também, durante a quarentena, a força vem da comunidade, ou seja, acho que é o essencial. Diferentes níveis de comunitário, o comunitário familiar, o comunitário casa, o comunitário trabalho, a militância comunitária, as lutas comunitárias.

E aí acredito que a nossa força, em todos os níveis, é o coletivo. O coletivo da verdade, mais razão e sentido de ser. E eu sinto que a quarentena me colocou muito mais nessa necessidade. Mas cuidado com os conflitos, porque ao mesmo tempo a fonte de força pode ser a fonte de desgaste. A família é um elemento de força com desgaste absoluto ... e dor e raiva. Eu não separaria nenhum elemento, assim como a militância, minha fonte de inspiração e força, mas realmente há momento em que digo: "chega, não aguento mais, os conflitos são intensos". Mas, repito: hoje, mais do que nunca, o comunitário, com todas as suas dificuldades, em todos os seus planos, é um elemento vital que nos dá força.

**PACS: E no meio de conflitos, conflitos socioambientais e tudo... como você acha que é possível respirar e ter fôlego?**

Pancha: Eu voltaria à questão do comunitário. Em outras palavras, sinto que o comunitário está literalmente em nos pensar como um corpo total. Ou seja, não podemos resistir com um só olho, não podemos resistir com um só pé, mas com toda a nossa corporalidade, além disso podem ser corporalidades mutiladas, pensa que nós no Chile, onde há mais de 450 pessoas mutiladas

de um olho e de ambos, como uma política de repressão. Portanto, também é pensar como corpos mutilados, que é outra maneira de fazer um corpo. Mas eu acho que é fundamental respirar com o corpo todo, com qualquer corpo que seja: com o corpo mutilado, com o corpo com capacidades diferentes, com o corpo trans. Quer dizer, existem maneiras diferentes, mas acho que é essencial respirarmos juntos.

Há alguns anos, tornou-se mais legítima a necessidade de fazer exercícios corporais em conjunto em espaços de reflexão sobre os conflitos socioambientais. Embora antes fosse identificado como algo *hippie*, fazer esse exercício de respiração articular e hoje, há cerca de dois anos, vimos que a luta requer certos momentos de integração corporal articular, e não é por acaso que um dos primeiros exercícios é a consciência da respiração. Portanto, essa consciência de respirar tem que ser coletiva porque, além disso, nos diz o quanto é difícil respirar em um contexto de contaminação, desapropriação de territórios em sacrifício.

**PACS: Onde você reconhece a arte nos espaços comunitários dos quais faz parte?**

Pancha: Olha, eu acho que é bem latino-americano, bom, vocês como um povo mais africano, de outras latitudes também compartilham. É como parte do elemento vital, do ser. Por exemplo, faço parte do movimento pela água, somos um bloco andino, onde danço a dança andina há cerca de 20 anos, então, para mim, o espaço da luta nunca se dividiu em espaço da dança, muito pelo contrário: da dança foi o primeiro elemento de onde fui permeando meu território de resistência. Portanto, é como um elemento vital. Então eu me levanto. Vejo a dança como outras expressões artísticas

que seriam interessantes porque a gente nem mesmo as nomeia como uma expressão artística, mas como uma forma de relacionamento a partir dessas diferentes expressões. Então, aconteceu comigo que em nossa militância ou cantamos ou dançamos, ou temos um momento para pintar. Não sei, acho que felizmente cada vez mais povos e movimentos sociais têm tentado a partir de um saber, um saber popular que é vital para a resistência. Da mesma forma, pense na quantidade de pessoas que estão em quarentena, vocês mesmos como povo, não sei, dançando das varandas, cantando *Bella Ciao* são partes dessas expressões. Então a dança, claro, agora talvez esteja mais esculpida com minha filha mais nova, dançamos porque gostamos de dançar. Mas a dança também é um elemento de cura e um elemento de resistência. E, obviamente, dependendo da circunstância e o uso que eu dou. Neste momento, dança é resistência! (risos), porque precisamos tirar o corpo do confinamento e da resistência, também é uma forma de relacionamento. Isso é interessante na dança. Primeiro, o momento em que fico mais consciente do meu corpo, porque danço *pasacalle* na rua, depois tenho que ter cuidado para não confundir os pés, ter percepção espacial, e, por outro lado, é o único momento que estou feliz, que não estou pensando, mas apenas fazendo. Quer dizer, acho que também é muito curativo porque você está fazendo, mas é um fazer que corresponde ao que você construiu em sua vida. Não é um fazer de guerra, um fazer competitivo, mas com o que sai. Obviamente, outras vezes a raiva surge também, a dor surge através da dança. Já fiz, pouquíssimas vezes, mas dancei chorando, em funerais, em espaços de dor, em protesto, onde tudo é remexido em você.

**PACS: E o que é cuidado para você? Como você se cuida?**

Pancha: Isso é importante, porque é uma questão que, em geral, nós que estamos no campo da mobilização e da resistência não assumimos. Porém,

no feminismo é um dos temas essenciais, o cuidado, entendido como autocuidado e cuidado comunitário. Cuidado por exemplo, para mim, é ser cuidada. Bom, na comemoração do 8 de março, nestes dois anos em que tive que fazer o porta-voz, entre muitas mãos e uma dezena fazendo os gritos de mobilização, de mais de um milhão de mulheres e dissidentes (é algo muito poderoso), e enquanto estávamos na faixa principal, todas as companheiras, tanto de faixa como as que iam ao redor, nos perguntavam se tínhamos comido, se estávamos hidratadas, se houve um momento em que checamos os pés, se tínhamos colocado protetor solar... Ou seja, o tempo todo uma preocupação que, se você me pergunta de outras mobilizações com meus companheiros, eu não sinto, isto é, não existem tais conversas. O cuidado ali é visto como elemento essencial para continuar na luta. Se não houver cuidado, não há como segurar. Então, a meu ver, parece que do feminismo isso passa a ser critério e bom senso. O que é maravilhoso, mas não é transversal. Não é transversal de forma alguma, mas acredito que justamente, para nós feministas, parte da nossa luta é assumir a corporalidade, o autocuidado, a gente tem mais consciência disso.

Em relação aos meus cuidados pessoais, um elemento fundamental, e aí eu volto a vincular com a dança, ou seja, uso a dança como ferramenta de resistência, mas também vejo como elemento de cuidado. Às vezes conto para minha mãe de brincadeira e ela me fala: "Pancha, tanto *pascalle*, tanto protesto que você vai!" "É isso ou pagar uma terapia." Sempre falo na brincadeira, mas também é real, para mim a dança acaba no próprio espaço terapêutico, porque é justamente o momento que coloco de lado o raciocínio, que coloco de lado a dor, que coloco de lado a preocupação. Para mim, a dança é absolutamente o cuidado.

Outro elemento do cuidado, com as dificuldades, é a alimentação, porque comemos muito mal, não é nem pelos ingredientes, mas pelo tempo. Comemos rápido, saímos como plano de fundo. E justamente nos espaços de resistência, mas já num momento mais passivo, a comida volta a aparecer como um espaço de cuidado. Comida, hidratação, dança. E, sem dúvida, todos os elementos que fazem bem à alma: música, pintura, ... E de novo, não é por acaso que tudo está se desenrolando novamente na pandemia, estamos pintando mais, estamos cantando, estamos dançando, colocamos coisas em nossas varandas. Então, aí você pode ver que é um espaço de cuidado, mas que muitas vezes o trabalho não é só o trabalho neoliberal de produzir, mas também o trabalho de se mobilizar e resistir, nos faz colocar esses espaços de lado.

### **PACS: O que te adocece e o que te cura?**

Pancha: Opa, também soa como um clichê, mas vou dizer: o neoliberalismo e o liberalismo me deixam doente. Vejamos, no Chile, esses momentos na cidade de Santiago, no inverno a poluição do ar dispara, porque toda a cadeia industrial está circundando a cidade de Santiago e, ao mesmo tempo, Santiago está rodeada de cordilheiras. Então, se forma uma panela de pressão, onde fica a contaminação. E eu sou uma daquelas pessoas que ao sair para trabalhar no inverno, volta com bronquite só por estar com alto índice de contaminação. E essa contaminação é produto do modelo extrativista que o neoliberalismo estabeleceu e que é herdeiro do capitalismo. Então, claro que soa muito clichê, mas é verdade, o neoliberalismo me deixa doente, na forma como me relaciono com o território, na forma como a natureza tem sido explorada, me deixa totalmente doente. Eu acho que essa questão respiratória tem a ver tanto com a dor pessoal, com o sentimento de perda, com a tristeza profunda, mas também com os elementos estruturais.

Eu sinto que o afogamento tem muito a ver com o afogamento da injustiça, o afogamento da poluição, o afogamento da raiva. Acontece muito que eu fico com raiva e fico doente. E fico zangada não com coisas pessoais, mas também com o que está acontecendo. Sei que também preciso canalizar a raiva, porque se não conseguir canalizá-la, vou pegar um resfriado rapidamente.

Bem, o que me cura? O campo me cura, a água me cura, o ar me cura, elementos tão vitais que nem deveriam ser considerados curadores. Mas estamos tão mercantilizados que eles se convertem. Justamente em espaço, tanto de resistência, quanto de cura. Esses elementos me curam. A resistência me cura, a comunidade me cura. Também acredito que, por isso, estamos todos um pouco preocupados nesta quarentena em não perder os laços comunitários, porque ser comunidade também cura, em termos de continuar a resistir. E essa comunidade passa farta pelas minhas filhas, filhos, minhas companheiras, companheiros. Passa por muitas partes. Então, estar em comunidade me cura, ser e estar em natureza me cura, e me cura com todas as dificuldades, tentando gerar espaços de tranquilidade e equilíbrio. E muitas vezes é pouco, mas você tem que tentar fazer.